

O TRABALHO NA CADEIA DA SOJA NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO: UM DEBATE SOBRE EMPREGO, RENDA E CONDIÇÕES DE TRABALHO NA AGRICULTURA CAPITALISTA CONTEMPORÂNEA

Herick Vazquez Soares¹

Resumo: A crescente combinação entre tecnologia e biotecnologia na produção agrícola e o imbricamento entre capitais agroindustriais e financeiros na agricultura transformou não só o modo de produzir, mas também as relações sociais no campo e a relação campo-cidade. Esse processo de modernização tecnológica e de expansão dos capitais oligopolistas na agropecuária é a principal marca da expansão da soja pela região Centro-Oeste do Brasil. Através de levantamentos de dados estatísticos, bibliografia e entrevistas semiestruturadas, busca-se neste estudo apresentar um panorama do mundo do trabalho na agricultura capitalista da soja desenvolvida no Estado de Mato Grosso e avaliar o significado do modelo desenvolvimento engendrado por essa atividade para o mundo do trabalho e o bem-estar dos trabalhadores assalariados rurais.

Palavras-Chave: Trabalho Rural, Desigualdade, Soja, Agricultura, Emprego.

THE WORK IN THE SOY CHAIN IN BRAZILIAN MIDDLE WEST: A DISCUSSION ON EMPLOYMENT, INCOME AND CONDITIONS OF WORK IN CONTEMPORARY CAPITALIST AGRICULTURE

Abstract: The growing combination of technology and biotechnology in agricultural production and the overlap between agroindustrial and financial capitals in agriculture transformed not only the way of production but also social relations in the countryside and the countryside-city relationship. This process of technological modernization and expansion of oligopolistic capital in agriculture is the main brand of soybean expansion in the Center-West region of Brazil. Through statistical surveys, bibliography and semi-structured interviews, this study aims to present an overview of the world of work in soybean capitalist agriculture developed in the State of Mato Grosso and to evaluate the significance of the development model engendered by this activity to the world of the well-being of rural wage earners.

Keywords: Rural Labor, Inequality, Soy, Agriculture, Employment.

* Este artigo se origina de estudo feito para a Tese de Doutorado do autor defendida no ano de 2018 (dezembro).

¹ Mestre em História Econômica pela Universidade de São Paulo (2013), e bacharel em Economia pela mesma Universidade. Atualmente é doutorando em História Econômica também pela USP e empregado público em empresa de economia mista - Banco do Brasil S/A. Tem experiência nas áreas de Economia, com ênfase em Agricultura, História Econômica, Desenvolvimento regional e Crédito Habitacional.

INTRODUÇÃO

O final do século XX foi marcado pelo início de uma nova etapa do desenvolvimento do capitalismo mundial. Conhecido como Globalização, esse processo é denominado por importantes autores da economia política como “Mundialização do capital”. Mundialização não deve ser entendida somente como a internacionalização do capital. Trata-se de uma “nova configuração do capitalismo mundial e dos mecanismos que comandam seu desempenho e sua regulação” (CHESNAIS, 1996: 13). Logo, a mundialização deve ser pensada como uma fase específica do processo de internacionalização do capital e de sua valorização.

A essência do processo de “mundialização do capital” é algo muito mais complexo que uma simples internacionalização da produção. Para Dicken (2010: 57), a economia global se transformou em uma “estrutura caleidoscópica e altamente complexa”, o que envolve a fragmentação de processos produtivos e sua realocação geográfica em escala global, transformando decisivamente o comércio mundial. Nessa nova realidade, a quantidade e a variedade de produtos e serviços que é comercializada internacionalmente se expandiram exponencialmente, bem como o movimento de capitais e os investimentos em tecnologias, formando cadeias de produção a nível planetário.

Nesse contexto, nota-se que o processo de mundialização do capital transformou radicalmente as relações entre capitalismo e agricultura a partir década de 1980. A crescente combinação entre tecnologia e biotecnologia na produção agrícola, o aumento da procura mundial de alimentos e o imbricamento entre capitais agroindustriais e financeiros em alguns segmentos da agropecuária transformou não só o modo de produzir alimentos, mas as relações sociais no campo e a relação campo-cidade. Nessa nova etapa do modo capitalista de produção, observa-se que a formação de *tradings* alimentares que operam em escala mundial aprofundou processos que estão transformando o campo em várias partes do mundo. Tratam-se de processos correlatos e interdependentes, tais como produção agrícola intensiva, especialização crescente, menor diversidade natural dos plantios, aumento das escalas de produção - forçado pela crescente demanda e pelo aumento dos preços das commodities agrícolas - interpenetração e complementaridade entre agricultura e indústria,

e crescente interferência dos capitais financeiros, principalmente através da especulação e utilização da terra como ativo financeiro (OLIVEIRA, 2016: 95). A hegemonia da agricultura dita “moderna” em relação a outras formas de produção no campo e outras formas de uso da terra e seu formato tecnológico requerem níveis mais elevados de mecanização e uso intensivo de insumos agroindustriais, incluindo agroquímicos.

A produção agrícola torna-se cada dia mais um setor econômico complexo e sofisticado, o que inviabiliza cada vez mais formas tradicionais de uso e cultivo da terra. Como resultado dessa nova realidade observam-se altos índices de concentração econômica e financeira nos sistemas agroindustriais, que se tornaram cadeias globais de valor cujo controle dos diferentes elos de agregação de valor e distribuição, tais como indústrias de insumos agrícolas, máquinas, processamento, e também da própria produção agrícola está cada vez mais internacionalizado e concentrado (OLIVEIRA, 2017: 105). Tendo a produção agrícola se tornado parte de uma cadeia global de valor, nota-se que os agricultores e as áreas rurais, bem como todo o conjunto de subsetores produtivos que articulam os alimentos produzidos localmente às agroindústrias globais estão sujeitos a um complexo conjunto de relações que variam de subordinação à aliança com os capitais agroindustriais oligopolizados, engendrando realidades regionais complexas e marcadas por tensões de todos os tipos (FAROOKI, M.; KAPLINSKY R, 2012: 23).

A expansão da produção de soja no Brasil entre as décadas de 1980 e 2000 aproveitou-se da ascensão da China como potência econômica global demandante de alimentos em larga escala. Essa ascensão, combinada com a abundância de recursos naturais no Brasil, especialmente a terra, criou uma oportunidade ímpar de expansão dos negócios agrícolas. A China, ator fundamental do capitalismo contemporâneo, com o crescimento anual do PIB (Produto Interno Bruto) na casa dos 10% por duas décadas colocou o comércio internacional de *commodities* em outro patamar. Além de sua posição como importante produtor e exportador, tornou-se grande importadora de soja, minério de ferro e outros gêneros agrícolas para abastecer seu mercado interno em vertiginoso crescimento, resultado da migração do campo para as cidades, do aumento de renda familiar média, da diversificação dos padrões de consumo de sua população, e dos objetivos estabelecidos pelos seus planos de desenvolvimento (MEDEIROS, 2010: 11).

O TRABALHO NA CADEIA DA SOJA NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO: UM DEBATE SOBRE EMPREGO, RENDA E CONDIÇÕES DE TRABALHO NA AGRICULTURA CAPITALISTA CONTEMPORÂNEA

Nesse novo contexto, a região Centro-Oeste do país passou a se articular intensamente com o capitalismo mundializado, já que ali se realiza uma produção agropecuária destinada, em grande parte ao mercado externo, principalmente a partir dos anos 2000.

A conquista do Oeste brasileiro se deu no rastro da expansão do “ouro-verde”, alcunha pela qual a soja também é conhecida. Vale notar que hoje o grão já procura as fronteiras do Norte para ocupar seu espaço. A importância que a cultura da soja assumiu no cenário agrícola brasileiro ultrapassou os limites das porteiras das fazendas para influir nas discussões sobre pesquisa tecnológica, agroindústria, cadeias produtivas e, até, infraestrutura (FAVERET; PAULA, 1998: 1)

Neste território de modernização, a industrialização da agricultura tornou-se orientadora da nova economia, cujo comando pertence às grandes empresas, em especial às *tradings* processadoras de soja. São elas que definem diretrizes, os tipos e a intensidade de produtos cultivados, bem como são elas que regulam, em grande parte, a dinâmica do mercado externo. Essas empresas atuam aprofundando as diferenciações espaciais e econômicas, levando à produção de alguns espaços portadores das condições para receber o capital produtivo moderno (SANTOS, 2006: 86).

Pois os lugares assim constituídos passam a condicionar a própria divisão do trabalho, sendo-lhe, ao mesmo tempo, um resultado e uma condição, senão um fator. Mas é a divisão do trabalho que tem precedência causal, na medida em que ela é portadora das forças de transformação, conduzidas por ações novas ou renovadoras, e encaixadas em objetos recentes ou antigos, que as tornam possíveis (SANTOS, 2006: 87)

Vale destacar que essa estratégia de seletividade espacial se complementa com o monopólio da propriedade da terra, que possibilita aos velhos (a comumente chamada elite agrária local) e aos novos personagens (empresários do agronegócio, muitas vezes membros da elite agrária) uma maior apropriação da renda capitalista da terra, na medida em que eles são detentores da propriedade fundiária, seja ela de origem lícita ou ilícita, pelo processo de grilagem (ELIAS, 2015: 23).

De forma geral, as redes agroindustriais que compõem os territórios do agronegócio globalizado reúnem as atividades inerentes ao agronegócio mundializado. Nesse rol de atividades está a produção agropecuária intensiva propriamente dita e também atividades

que antecedem essa produção e lhe são fundamentais (pesquisa, produção de máquinas agrícolas, sementes selecionadas, fertilizantes, serviços de aviação, etc). Essas áreas podem concentrar também as atividades de transformação industrial, cuja matéria-prima provém da atividade agropecuária (indústria de alimentos, biocombustível, etc); além das atividades de distribuição comercial de alimentos, *in natura* ou transformados, etc.

Assim, pode-se dizer que, nas Regiões Produtivas do Agronegócio da Soja (RPA's da soja), a oposição clássica entre a cidade e o campo já não é tão preponderante e a noção de interdependência entre os subespaços ganha força. Essas regiões são receptoras de expressivos investimentos produtivos inerentes ao agronegócio, ou seja, são compostas pelos espaços agrícolas e urbanos escolhidos para receber os investimentos privados e também públicos, convertendo-se em espaços dinâmicos da economia e do território do agronegócio globalizado. Nessa nova realidade, a região Centro-Oeste emergiu como uma RPA (Região Produtiva do Agronegócio) de soja, sendo o Mato Grosso, pelas distintas formas de manifestação desse aumento, como liderança na produção de soja, mobilidade da população, formas específicas de produção e de urbanização e expansão de infraestrutura para aceleração dos fluxos informacionais e de mercadorias, seu principal expoente.

Como RPA (Região Produtiva do Agronegócio) da soja, o Centro-Oeste brasileiro, em especial o Estado de Mato Grosso, passou por profundas mudanças nas formas de uso e ocupação do espaço agrícola, através das quais intensificaram-se as relações campo-cidade e a urbanização, dadas as transformações nas condições sociais (estrutura fundiária, regimes de exploração do solo e relações de trabalho) e técnicas da estrutura agrária. Observou-se, em Mato Grosso, um rápido crescimento das cidades e um intenso incremento da economia urbana, do consumo agrícola, do aumento dos fluxos diários de trabalhadores entre os espaços urbanos e os espaços agrícolas, bem como a diminuição da população rural e aumento da centralidade das cidades de médio porte na RPA (Região Produtiva do Agronegócio).

Nesse prisma, para aprender a realidade das RPAs, teremos de reconhecer o processo produtivo inerente às redes agroindustriais em sua evolução; o funcionamento da economia em nível mundial e seu rebatimento na formação econômica e social brasileira, com a devida compreensão da intermediação do Estado e do conjunto de agentes econômicos hegemônicos e sujeitos sociais envolvidos. Portanto, devem ser levantados também dados relativos à presença ou não das infraestruturas e equipamentos associados às redes agroindustriais nas cidades e no campo,

O TRABALHO NA CADEIA DA SOJA NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO: UM DEBATE SOBRE EMPREGO, RENDA E CONDIÇÕES DE TRABALHO NA AGRICULTURA CAPITALISTA CONTEMPORÂNEA

assim como dados sobre a dinâmica populacional e o mercado de trabalho, etc (ELIAS, 2015: 40).

Nessa realidade de “urbanização do campo”, observa-se que o setor do agronegócio de soja matogrossense absorve mão-de-obra para além das atividades rurais, especialmente nos setores à jusante e à montante, como transporte, construção de infraestrutura, armazenamento, beneficiamento e processamento da produção. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é tentar desenvolver um método de mensuração capaz de traçar um panorama quantitativo dos empregos gerados pelas diversas atividades englobadas cadeia de valor da soja em Mato Grosso, observando especialmente qual o potencial de geração de empregos de cada um dos ramos dinamizados pela atividade. Além disso, através da apresentação dos resultados da pesquisa de campo desenvolvida nas regiões de Bonito (MS), SINOP (MT) e Cuiabá (MT) busca-se verificar aspectos qualitativos do grau de remuneração e das condições de trabalho em algumas das atividades dinamizadas pela cultura da soja. Este levantamento, ao mostrar em quais setores da cadeia de valor da soja são gerados os empregos do Complexo Soja, bem como sua qualidade e nível de remuneração, pretende discutir o real potencial de dinamização econômica dessa cadeia de valor para o estado de Mato Grosso. De posse desses resultados, busca-se refletir os impactos desse modelo de desenvolvimento com base no agronegócio capitalista para o mundo do trabalho, para a distribuição da renda e para o bem estar geral da população trabalhadora.

Para tanto, este trabalho utilizou-se de metodologia em três eixos principais: revisão e análise de parte da literatura sobre questão agrária produzida no final século XX e início do século XXI, levantamento de dados da RAIS (Relação Anual de Informações Sociais), de censos populacionais e agropecuários do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), e entrevistas semiestruturadas com produtores rurais, representantes de sindicato de trabalhadores, pesquisadores e funcionários de fazendas, bem como visitas a propriedades rurais, sindicatos rurais e de trabalhadores e a cidades de regiões produtoras de soja. O intuito da pesquisa de campo foi verificar *in locu* a realidade engendrada localmente pelo processo de “Mundialização do Capital” na agricultura e pela emergência da soja como cadeia global de valor.

A pesquisa de campo foi desenvolvida nas regiões de Bonito (MS), SINOP (MT) e Cuiabá (MT) entre os meses de fevereiro e março de 2018, na qual foram visitadas a sede da EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) no município de SINOP – MT, três fazendas de soja, uma no município de Bonito, outra em Santa Carmen – MT e outra em Sorriso – MT, e um armazém de soja em SINOP (MT). Nesta pesquisa foram entrevistados também produtores rurais, um gerente de fazenda, um membro da direção do sindicato dos trabalhadores Rurais de SINOP, pesquisadores da EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) e da UFMT (Universidade Federal do Mato Grosso), um operador de plantadeira e um advogado trabalhista do município de SINOP, conforme tabela 1. O intuito principal da pesquisa foi fazer um aprofundamento qualitativo sobre a questão fundiária, a nova relação campo cidade dada a partir da moderna agropecuária capitalista, o mercado de trabalho na RPA (Região Produtiva do Agronegócio) da soja e compreender a lógica de atuação dos atores neste espaço com fins de analisar os desdobramentos da expansão da soja pela região para o desenvolvimento regional.

Tabela 1: relação de fazendas visitadas e entrevistas realizadas

Fazendas Visitadas	Legenda
Fazenda de 18 mil hectares em Bonito (MS)	Fazenda 1
Fazenda de 6 mil hectares em Santa Carmen (MT)	Fazenda 2
Fazenda de 8 mil hectares em Sorriso (MT)	Fazenda 3
Outros locais visitados	Legenda
EMBRAPA Agrossilvopastoril	
Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Sinop	
UFMT (Universidade Federal de Mato Grosso)	
Armazém de soja em SINOP (MT)	
Entrevistado	Legenda
Gerente da fazenda 1	Entrevistado 1
Produtor proprietário da fazenda 2 e delegado da APROSOJA/MT	Entrevistado 2
Produtor proprietário da fazenda 3	Entrevistado 3
Membro da diretoria do sindicato dos Trabalhadores Rurais de Sinop	Entrevistado 4
Pesquisador da EMBRAPA Agrossilvopastoril de Sinop	Entrevistado 5
Pesquisador UFMT	Entrevistado 6
Operador de Plantadeira	Entrevistado 7
Advogado Trabalhista de Sinop	Entrevistado 8

Fonte: Organizado pelo autor

A MENSURAÇÃO DO EMPREGO NA CADEIA DA SOJA: MÉTODO E DESAFIOS

A acelerada urbanização ocorrida na fronteira agrícola do Centro-Oeste, em especial, no centro-norte mato-grossense, comandada pelos ramos industriais e comerciais ligados à plantação, colheita, armazenamento, transporte, processamento, e beneficiamento de soja gerou um efeito de atração de capitais e de força de trabalho que tornou possível não só o desenvolvimento de regiões agrícolas mas também de regiões urbanas.

A importância do caráter urbano da Região Produtiva do Agronegócio da soja do Centro-Oeste se dá em razão do plantio do grão não ser, por si só, um foco de atração humana. A colheita e o plantio são hoje majoritariamente mecanizados e controlados via satélite e computador de bordo através do sistema de agricultura de precisão, presente em todas as propriedades visitadas e em cerca de 42%² das propriedades rurais de Mato Grosso, segundo o IMEA (Instituto Mato Grossense de Economia Agropecuária) (2015b: não paginado). Em todas as propriedades visitadas, as colheitadeiras e plantadeiras, que não custam menos que R\$ 1,5 milhão cada, são equipadas com ar condicionado, rádio AM/FM e luzes para operação noturna. Nelas, o operador apenas verifica o *display* do computador de bordo no intuito de monitorar qualquer entupimento na máquina e faz as curvas ao final de cada rua colhida/plantada. Conforme figura 1, fotografia capturada na Fazenda 3, as máquinas andam por conta própria pelas propriedades e, enquanto plantam ou colhem, geram relatórios sobre os solos de cada talhão. Quando o reservatório da máquina colheitadeira ou bazuca de apoio está cheio, ela é descarregada no caminhão e a máquina volta a colher enquanto o caminhoneiro aguarda o próximo carregamento. No caso das plantadeiras, o reservatório de sementes e adubos da máquina costuma durar o dia todo.

² Segundo informações prestadas pelos entrevistados 1, 2 e 3, as propriedades visitadas apresentam nível de automação total, ou seja, máquinas com barra de luz, piloto automático e controle de seção nos pulverizadores e semeadoras, além de utilizarem de todos os mecanismos já disponibilizados para agricultura de precisão: mapa de fertilidade, mapa de colheita, mapa de pragas, doenças e ervas daninhas, aplicação de implementos agrícolas por taxa variável e aplicação por zona de manejo. Todavia, esse grau avançado de automação e mecanização ainda não representa 100% das propriedades, já que o grau de penetração das tecnologias varia conforme cada uma delas. O piloto automático, por exemplo, está presente em 61% das propriedades, enquanto o controle de seção das semeadoras, apenas em 37%. Dentro do sistema de Agricultura de Precisão, também existem variações no que diz respeito às funcionalidades do sistema adquiridas pelos produtores. Enquanto o mapa de fertilidade está presente em 41% das propriedades rurais mato-grossenses, o controle de pragas, doenças e plantas daninhas está somente em 15% delas (IMEA, 2015: não paginado)

Figura 1: Máquina colheitadeira com piloto automático em funcionamento



Fonte: Fotografado pelo autor (2018)

A figura 01 evidencia que, na era cibernética, os objetos trabalham com base em informações e que a agricultura já não é mais um meio de trabalho do homem sobre a natureza, mas um meio de ação de uma intencionalidade e de uma racionalidade do capital sobre o meio. A aplicação dessas se dá via sistemas transmissores de informações do qual o trabalhador, embora necessário para sua operação, está destituído de qualquer autonomia sobre o processo que desempenha. Em outras palavras, o trabalhador rural é apenas o operador de tarefas acessórias ao funcionamento do objeto que atua naquele meio, com praticamente nenhuma influência ou mesmo conhecimento de sua finalidade e até mesmo de seu funcionamento. É a transformação quase que completa do ser humano em acessório da máquina.

No passado, os objetos obedeciam a nós no lugar onde estávamos e onde os criávamos. Hoje, no lugar onde estamos, os objetos não mais obedecem a nós, mas sugerem o papel a desempenhar, porque são instalados obedecendo a uma lógica que nos é estranha, uma nova fonte de

O TRABALHO NA CADEIA DA SOJA NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO: UM DEBATE SOBRE EMPREGO, RENDA E CONDIÇÕES DE TRABALHO NA AGRICULTURA CAPITALISTA CONTEMPORÂNEA

alienação. Sua funcionalidade é extrema, mas seus fins últimos nos escapam (SANTOS, 2006: 144).

Segundo o IMEA (Instituto Mato Grossense de Economia Agropecuária) (2015b: não paginado), em Mato Grosso, a quantidade média de máquinas agrícolas por fazenda produtora de soja é de 12, enquanto a de trabalhadores é de 10, número que tende a diminuir, tendo em vista que a agricultura de precisão chegou à região há apenas 5 anos e ainda tem muito potencial de expansão. Mesmo a soja tendo uma produção altamente mecanizada, que demanda pouca mão de obra humana, sua expansão pelo território de Mato Grosso foi acompanhada por intensos fluxos migratórios. Esse fenômeno fez com a população de Mato Grosso e do Centro-Oeste tenham crescido sempre em ritmo superior à média nacional entre 1970 e 2010, conforme tabela 2. A taxa de crescimento da população de Mato Grosso chegou a 6,64% na década de 1970 e a 5,38% durante os anos 1980, tendo sido mais que o dobro da média nacional nas duas décadas, período no qual ocorreu uma grande migração de sulistas e uma rápida expansão das atividades agropecuárias pelo unidade da federação. Nos anos 2000, já consolidada agropecuária capitalista na região, o crescimento populacional continuou superando a média nacional, evidenciando o potencial de atração humana da RPA (Região Produtiva da Soja) de Mato Grosso.

Tabela 2: População e taxa de crescimento anual da população (%) por estado do CO entre 1970 e 2010

UF/Ano	1970	% 70-80	1980	% 80-91	1991	% 91-00	2000	% 00-10	2010
Mato Grosso	598.798	6,64	1.138.918	5,38	2.027.231	2,38	2.505.245	1,94	3.035.122
Mato Grosso do Sul	998.211	3,21	1.369.769	2,41	1.780.373	1,73	20.787.070	1,66	2.449.024
Goiás	2.938.029	2,77	3.860.174	0,37	4.018.903	2,47	5.004.197	1,84	6.003.788
Distrito Federal	537.492	8,15	1.176.908	2,84	1.601.094	2,79	2.051.146	2,28	2.570.160
Centro-Oeste	5.072.530	4,05	7.545.769	2,04	9.427.601	2,37	11.638.658	1,91	14.058.094
Brasil	93.134.846	2,48	119.011.052	1,93	146.825.475	1,63	169.872.856	1,17	190.755.799

Fonte: Censos Demográficos do IBGE de 1970 a 2010 tabulados por Camargo (2010)

A expansão da soja pelo centro-norte de Mato Grosso a partir dos anos 1990 atraiu armazéns e silos de agroindústrias processadoras nacionais e multinacionais sediadas no Sul e no Sudeste cujo objetivo era controlar a oferta de grãos do estado. A presença dessas empresas fomentou o uso corporativo do território e o surgimento de núcleos urbanos centralizadores das novas relações de trabalho agrícola, baseadas na união entre agricultura, indústria e serviços em todas as etapas do processo produtivo. Conforme comprovam os dados de imigração dos censos demográficos, 71,4% dos imigrantes que chegaram a Mato Grosso entre 1986 e 1991 tiveram como destino o meio urbano. Esse número aumentou nos anos seguintes para 72,9% entre 1995 e 2000 e 79,8% entre 2005 e 2010 (CAMARGO, 2010: 37).

Os números fazem sentido quando confrontados com a realidade da produção de soja levantada durante a visita de campo. A maioria dos profissionais que atuam no ramo é da área urbana, mas com atuação que se relaciona ao agronegócio. São profissionais como: corretores de grãos, gerentes e auxiliares de produção nas agroindústrias, motoristas de caminhão, professores, agrônomos, veterinários, vendedores de máquinas, pilotos de aviões despejadores de agrotóxicos, profissionais de limpeza, etc. Em suma, em razão do elevado padrão tecnológico das técnicas utilizadas, nas áreas de agricultura moderna, as cidades acabam por acolher um grande número de pessoas que Santos (2006: 151) chamou de “pessoas treinadas em ler sistemas técnicos, verdadeiros tradutores”, ou seja, operadores de sistemas e processos relacionados à produção agropecuária capitalista moderna. Apesar de tecnicamente qualificados, a maior parte desses atores acabam por não conseguem compreender a totalidade e o sentido do que fazem. A alienação do trabalho é maximizada pela crescente aplicação de técnicas que diminuem o grau de reflexão e de entendimento do trabalhador sobre o sentido e a totalidade do processo que executa. “Aumenta o número de pessoas letradas e diminui o número de pessoas cultas” (SANTOS, 2006: 151).

Nas fazendas maiores, como a fazenda 1, do município de Bonito, encontram-se zootecnistas, técnicos agropecuários, caseiros, gerente, auxiliares de serviços gerais e operadores de máquinas, totalizando 19 funcionários fixos, número que sobe para 33, chegando a 40 se contados os motoristas de caminhão autônomos que atuam dentro da fazenda durante a colheita. Nas fazendas de médio porte diretamente administradas pelo próprio produtor, como a fazenda 2, visitada em Santa Carmen, e a fazenda 3 visitada em

O TRABALHO NA CADEIA DA SOJA NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO: UM DEBATE SOBRE EMPREGO, RENDA E CONDIÇÕES DE TRABALHO NA AGRICULTURA CAPITALISTA CONTEMPORÂNEA

Sorriso, o número de empregados fixos não passa de 5: um caseiro, um veneneiro e três auxiliares (4 na fazenda 2 e 5 na fazenda 3). Durante a safra e o plantio, esse número aumenta com a contratação de 4 ou 5 operadores de máquinas em períodos cuja soma não ultrapassa os 3 meses por ano. Nessas fazendas, durante a colheita, atuam também entre 4 e 6 caminhoneiros durante a colheita. A diferença foi que, na fazenda 2, os caminhoneiros eram autônomos enquanto que, na fazenda 3, foi contratada uma empresa de transporte da qual os caminhoneiros eram funcionários. Além disso, nessas propriedades, os serviços de agrônomo e zootecnista estão incluídos no pacote tecnológico contratados pelos produtores para a implantação dos sistemas de agricultura de precisão, enquanto na fazenda 1, de administração empresarial, havia agrônomo e zootecnista próprios da fazenda.

Em suma, notou-se que a dinamização do plantio da soja no mercado de trabalho ocorre mais na época da safra e se dá pela contratação dos temporários para operação das colheitadeiras e plantadeiras, e pela contratação de caminhoneiros autônomos, geralmente aproximadamente 4 a cada 1200 há durante a época da safra (as fazendas 2 e 3, descontadas as áreas de reservas legais, têm aproximadamente 1200 há de área plantada). Os números encontrados em campo são fidedignos com a divisão do número total de trabalhadores mensurados³ pela RAIS (Relação Anual de Informações Sociais) como trabalhadores formais de lavouras de soja pelo número de hectares plantados em Mato Grosso: 3,5 trabalhadores por mil hectares de área plantada.

Além dessas atividades, existe uma demanda quase que diária de técnicos das revendas de máquinas e equipamentos e representantes da *John Deere* e da *New Holland* nas fazendas. Sua presença é muito requerida pelos produtores com o intuito de verificar o funcionamento das máquinas e sanar o mais rápido possível qualquer eventual problema. Nos armazéns, ocorre também a contratação de estivadores para descarregar os caminhões (principalmente nos casos dos armazéns que não tem estrutura para tombamento do veículo, onde a soja tem que ser “puxada no rodo” do caminhão, como é o caso do armazém visitado em Santa Carmen). Em todas as propriedades visitadas, os trabalhadores eram registrados, incluindo os temporários.

³ Trabalhadores vinculados a estabelecimentos cuja CNAE (Código Nacional de Atividades Econômicas) seja 0115.

Essa distribuição dos empregos relacionados ao Complexo Soja por vários setores e ramos de atividade dificulta um levantamento quantitativo preciso do potencial de geração de empregos do setor. O setor gera empregos na produção de fertilizantes, maquinário agrícola, implementos químicos, sementes, processamento, beneficiamento, transporte, consultoria. Nesse cenário, torna-se complexa a tarefa de mensurar precisamente quantos dos empregos relacionados as atividades acima citadas são geradas especificamente pela soja, já que as fábricas de fertilizantes, agrotóxicos, máquinas, etc. produzem para todas as atividades agrícolas e não só para a soja, apesar do grão ser o principal cultivo da região. Segundo a ABIOVE (Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais), o Complexo Soja gerou, em 2010, 900 mil empregos diretos e indiretos no Brasil, sendo 419 mil na etapa de plantio e 481 mil no processamento industrial. Ainda segundo a base de dados da Associação, cuja metodologia de aferição não foi detalhada, a geração de empregos pelo Complexo Soja é 4 vezes maior quando a soja é processada em território nacional. O Brasil, desde 1996, com a Lei Kandir⁴, vem priorizando o crescimento da exportação do grão em detrimento do crescimento da capacidade de esmagamento, que cresceu em ritmo muito menor que a produção. Enquanto a capacidade de esmagamento brasileira cresceu 42,16% entre 1995 e 2009, a produção de soja em grão cresceu 164,86% no mesmo período (ABIOVE, 2010: não paginado).

A análise da cadeia produtiva da soja mostra que a produção de soja gera empregos nos seguintes ramos de atividades: cultivo de soja e sementes, consultoria técnica e assistência técnica rural, fabricação de derivados alimentícios e químicos de soja, fabricação de agrotóxicos, de fertilizantes e de maquinário agrícola, bem como a comercialização destes itens, armazenamento, comércio, aluguel, construção e arrendamento de silos e máquinas agrícolas, comércio atacadista de soja e derivados e transporte de cargas. Contudo, através da base estatística da RAIS (Relação Anual de Informações Sociais), é possível filtrar apenas os vínculos de emprego de estabelecimentos produtores de soja, da indústria de derivados de soja e do comércio atacadista de soja e

⁴ A Lei Complementar nº 87 de 13 de setembro de 1996 isenta do tributo ICMS gêneros agrícolas, produtos semielaborados e serviços destinados à exportação, dentre eles grãos *in natura* como grãos de soja. O objetivo da medida foi melhorar o desempenho da balança comercial brasileira, naquele momento negativamente impactada pela valorização do Real. A lei tem este nome em virtude do seu autor, Antônio Kandir. A Lei Kandir causou perdas importantes na arrecadação de impostos estaduais, ainda que a União compense parte das perdas através de repasses aos Estados.

O TRABALHO NA CADEIA DA SOJA NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO: UM DEBATE SOBRE EMPREGO, RENDA E CONDIÇÕES DE TRABALHO NA AGRICULTURA CAPITALISTA CONTEMPORÂNEA

derivados, o que não permite a mensuração quantitativa dos empregos gerados pela cultura da soja nos demais setores dinamizados pelo cultivo citados acima.

Nesse sentido, após a vivência da realidade da produção de soja durante a pesquisa de campo, foi feita uma tentativa de se desenvolver um método de mensuração do potencial de geração de empregos da produção de soja nos demais setores citados no parágrafo anterior. Para tanto, foram somados todos os empregos formais permanentes e temporários cujos vínculos foram declarados à RAIS (Relação Anual de Informações Sociais) com as CNAE's (Código Nacional de Atividade Econômica) relacionadas aos setores especificados abaixo:

- Cultivo de Soja e sementes certificadas⁵;
- Consultoria e Assistência técnica rural⁶;
- Fabricação de derivados químicos e alimentícios da soja⁷;
- Fabricação de Agrotóxicos⁸;
- Fabricação de Fertilizantes⁹;
- Fabricação e Manutenção de Máquinas Agrícolas¹⁰;
- Armazenamento¹¹;
- Comércio, Aluguel e Arrendamento e Máquinas e Silos Agrícolas¹²;
- Comércio atacadista de soja e derivados¹³;
- Transporte de Cargas¹⁴.

⁵ CNAES 0115-6/00, 0115-6/00 e 0141-5/01.

⁶ CNAES 7490-1/03, 7490-01/03; 7490-01/04, 7490-01/05, 7490-01/06, 7490-01/07, 7490-01/08, 7490-01/09, 7490-01/10, 7490-01/11, 7490-01/12.

⁷ CNAES 1033-3/02, 1041-4/00; 1041-4/00, 1041-4/00, 1042-2/00, 1095-3/00, 1099-6/99 e; 1099-6/99, 1099-6/99 e 2099-1/99.

⁸ CNAES 2029-1/0, 2051-7/00, 2051-7/00, 2051-7/00, 2051-7/00, 4612-5/00, 4683-4/00, 4683-4/00.

⁹ CNAES 0891 6/00, 0990-4/03, 2012-6/00, 2012-6/00, 2013-4/01, 2013-4/01, 2013-4/02, 2013-4/02, 2013-4/02, 2013-4/02, 2013-4/02, 2019-3/99, 2833-0/00, 3314-7/11, 4612-5/00, 4612-5/00, 4683-4/00.

¹⁰ CNAES 2833-0/00, 2833-0/00, 2833-0/00, 2833-0/00, 2833-0/00, 2833-0/00.

¹¹ CNAE 5211-7/99.

¹² CNAES 0161-0/99, 0161-0/99, 0161-0/99, 0161-0/99, 4614-1/00, 4614-1/00, 4614-1/00, 4661-3/00, 4661-3/00, 4661-3/00, 4661-3/00, 6440-9/00, 7731-4/00, 7731-4/00, 7731-4/00.

¹³ CNAES 4611-7/00, 4622-2/00, 4623-1/08, 4632-0/01, 4632-0/03, 4637-1/03.

¹⁴ CNAES 4930-2/02, 4930-2/02, 5011-4/01, 5021-1/01, 5021-1/01, 5021-1/01, 5021-1/01, 5021-1/01, 5021-1/01, 5212-5/00, 5212-5/00, 5212-5/00, 5212-5/00, 5231-1/02, 5231-1/03, 5250-8/05.

Os dados, agrupados na tabela 3 captam os vínculos ativos na data de 31/12 dos anos de 2006, ano do último censo agropecuário, 2010 e 2016.

Tabela 3: Soma dos empregos formais nos setores dinamizados pela cultura da soja

Ramo de Atividade	Mato Grosso do Sul			Mato Grosso			Goiás			Totais		
	2.006	2.010	2.016	2.006	2.010	2.016	2.006	2.010	2.016	2.006	2.010	2.016
Cultivo de soja e sementes certificadas	6.271	5.231	10.522	21.081	33.033	46.479	8.549	13.003	18.236	35.901	51.267	75.237
Consultoria e assistência técnica rural	1.581	1.542	2.385	2.434	2.917	3.404	3.078	3.531	4.052	7.093	7.990	9.841
Fabricação de Derivados químicos e alimentícios de soja	2.417	2.269	3.522	3.900	5.300	6.323	7.419	10.676	13.855	13.736	18.245	23.700
Fabricação de Agrotóxicos	41	56	33	172	185	98	1.117	1.169	1.156	1.330	1.410	1.287
Fabricação de Fertilizantes	72	301	457	746	866	1.901	1.918	2.251	2.556	2.736	3.418	4.914
Fabricação e Manutenção de Máquinas Agrícolas	1.068	1.839	2.413	1.261	2.563	3.035	2.570	4.910	6.683	4.899	9.312	12.131
Armazenamento	997	855	596	2.291	1.370	676	2.677	2.044	1.354	5.965	4.269	2.626
Comércio, Aluguel e Arrendamento de Máquinas e Silos Agrícolas	488	771	1.216	1.462	2.993	4.741	1.035	1.696	2.282	2.985	5.460	8.239
Comércio Atacadista de soja e derivados	593	663	839	1.184	2.270	3.846	472	476	883	2.249	3.409	5.568
Transporte de Cargas	6.158	9.717	15.290	8.696	14.560	23.028	14.368	23.937	28.578	29.222	48.214	66.896
Total de empregos das CNAES selecionadas	19.686	23.244	37.273	43.227	66.057	93.531	43.203	63.693	79.635	106.116	152.994	210.439
Total de empregos formais nos estados	314.708	415.923	495.766	374.500	513.495	610.866	698.756	963.779	1.102.382	1.914.742	2.559.151	2.951.799
Participação das CNAES no total dos empregos formais	6,26%	5,59%	7,52%	11,54%	12,86%	15,31%	6,18%	6,61%	7,22%	5,54%	5,98%	7,13%

por UF do Centro-Oeste

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da RAIS/MTE

Os dados revelam que os setores mensurados na tabela 3, apesar da rápida expansão da soja, ainda têm participação pequena no total dos empregos formais de cada um dos estados da região Centro-Oeste: 5,54% em 2006, 5,98% em 2010 e 7,13% em 2016. Em Mato Grosso, maior estado produtor, o percentual subiu de 11,54% em 2006 para 12,86% em 2010 e 15,32% em 2016. Vale destacar que, nos casos dos setores de consultoria, fabricação de agrotóxicos, fertilizantes e máquinas agrícolas, armazenamento, comércio, aluguel, arrendamento de máquinas e silos agrícolas e transporte de cargas, os dados referem-se ao total de empregos gerados por esses setores, isto é, o dado gerado engloba

O TRABALHO NA CADEIA DA SOJA NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO: UM DEBATE SOBRE EMPREGO, RENDA E CONDIÇÕES DE TRABALHO NA AGRICULTURA CAPITALISTA CONTEMPORÂNEA

empregos não gerados pelo plantio, armazenamento, beneficiamento e transporte da soja, já que os setores são demandados também por outros plantios e atividades.

Os dados da tabela 3, revelam o baixo potencial de geração de empregos da expansão da soja quando feita sua comparação com os dados da tabela 4. Enquanto, o VBP (Valor Bruto de Produção) da soja do Centro-oeste cresceu 90,04% entre 2010 e 2016, os vínculos empregatícios formais do cultivo da soja e outras atividades dinamizadas pelo setor cresceram apenas 37,54%, saindo de um patamar de 152.994 para 210.439. Em Mato Grosso, o crescimento dos empregos foi de 41,59% ante 90,88% do VPB. Se tomado como referência somente o setor de cultivo da soja, CNAE (Código Nacional de Atividade Econômica) 0115, o número de postos de trabalhos formais cresceu 46,75% entre 2010 e 2016 no Centro-Oeste e 40,70% em Mato Grosso.

Tabela 4: Evolução do VPB da soja do Centro-Oeste

UF	2006	2010	2016
MS	4.241.307.595	4.840.759.880	8.694.242.999
Crescimento % do VPB 2010/2006 e 2016/2010		14,13%	79,60%
Crescimento % dos empregos 2010/2006 e 2016/2010		32,16%	19,19%
MT	13.785.625.786	16.344.855.162	31.199.119.456
Crescimento % do VPB 2010/2006 e 2016/2010		18,56%	90,88%
Crescimento % dos empregos 2010/2006 e 2016/2010		52,81%	41,59%
GO	5.201.377.233	6.154.835.725	12.063.631.815
Crescimento % do VPB 2010/2006 e 2016/2010		18,33%	96,00%
Crescimento % dos empregos 2010/2006 e 2016/2010		47,42%	25,02%
TOTAL	23.228.310.614	27.340.450.768	51.956.994.272
Crescimento % do VPB 2010/2006 e 2016/2010		17,70%	90,04%
Crescimento % dos empregos 2010/2006 e 2016/2010		44,17%	37,54%

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do MAPA.

Na tabela 3, as atividades industriais relacionadas ao processamento da soja geraram apenas 0,72% dos empregos formais da região Centro-Oeste em 2006, 0,31% em 2010 e 0,33% em 2016. Em Mato Grosso, esse número ficou ao redor de 1% nos três períodos, 3.900 postos de trabalho em 2006, 5.300 em 2010 e 6.323 em 2016. Deve-se considerar que os números da tabela 2 referentes aos empregos gerados pelo processamento e beneficiamento da soja podem não refletir fidedignamente a realidade, já que muitos dos estabelecimentos industriais de armazenamento e processamento de soja declaram a RAIS (Relação Anual de Informações Sociais) com CNAE's (Código Nacional de Atividade Econômica) que não às relacionadas ao processamento e fabricação de derivados de soja, o que torna o mapeamento dos empregos agroindustriais gerados especificamente pela oleaginosa uma tarefa bastante complexa. Contudo, se considerado o resultado obtido pela ABIOVE (Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais), segundo o qual, quando a soja é processada em território nacional, ela gera quatro vezes mais empregos, pode-se auferir que, em razão da opção por privilegiar através da isenção de impostos a exportação de grãos *in natura*, o país vem perdendo muitas vagas de trabalho na indústria de processamento. Vale destacar que, na região Centro-Oeste, em especial em Mato Grosso, a exportação de grãos correspondeu a 65,38% das exportações do complexo soja da região entre 2000 e 2010.

A primazia da exportação de grãos, além de prejudicar a criação de vagas, impede a criação de vagas de maior remuneração. Conforme tabela 4, os setores cujas CNAEs (Código Nacional de Atividade Econômica) estão agrupadas na categoria de Fabricação de Derivados Químicos e Alimentícios de soja têm remuneração média maior que os empregos do cultivo de soja, muito embora, essa diferença venha caindo sistematicamente com o passar dos anos, chegando a apenas 9% em 2016. Em Mato Grosso, a média salarial das vagas no cultivo da soja já têm média salarial ligeiramente superior às da agroindústria, cerca de 5%. Esse aumento da média salarial, quando analisado sob a perspectiva da elevação progressiva da mecanização e automação dos cultivos apurada em campo, denota que, nas culturas de soja, os empregos de menor qualificação e remuneração estão sendo substituídos por máquinas, restando apenas poucos empregos de maior qualificação relacionados às novas tecnologias rurais.

O TRABALHO NA CADEIA DA SOJA NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO: UM DEBATE SOBRE EMPREGO, RENDA E CONDIÇÕES DE TRABALHO NA AGRICULTURA CAPITALISTA CONTEMPORÂNEA

Tabela 5: Remuneração Média Cultivo de Soja x Indústria de Derivados

Mato Grosso do Sul			
Ano	Cultivo de soja (A)	Fabricação de Derivados Químicos e Alimentícios de soja (B)	Razão de B em relação a A
2016	R\$ 1.948,68	R\$ 2.226,28	1,14
2010	R\$ 1.555,18	R\$ 1.968,23	1,27
2006	R\$ 1.200,59	R\$ 1.821,83	1,52
Mato Grosso			
2016	R\$ 2.349,54	R\$ 2.220,78	0,95
2010	R\$ 1.948,30	R\$ 2.049,07	1,05
2006	R\$ 1.548,28	R\$ 1.812,92	1,17
Goiás			
2016	R\$ 2.044,61	R\$ 2.468,57	1,21
2010	R\$ 1.611,07	R\$ 2.008,29	1,25
2006	R\$ 1.311,39	R\$ 1.657,60	1,26
Centro-Oeste			
2016	R\$ 2.114,28	R\$ 2.305,21	1,09
2010	R\$ 1.140,88	R\$ 2.008,53	1,18
2006	R\$ 1.657,60.	R\$ 1.764,12	1,30

Fonte: Elaborado pelo próprio autor a partir de dados da RAIS/MTE

O elevado grau tecnológico presente nas lavouras de soja, bem como a dependência dos cultivos em relação a insumos e implementos químicos, faz com que o processo produtivo do grão nas fazendas, que é a atividade agrícola propriamente dita, seja um estágio de sistema agroindustrial. Esse processo tem como elos chave a indústria à montante e também o processamento do grão e sua transformação em alimentos ou outros produtos industrializados, a indústria à jusante. Essa etapa da cadeia se diferencia basicamente em dois estágios: o esmagamento/processamento da soja e a indústria de transformação. Nestas duas etapas decisivas de agregação de valor na cadeia da soja, verifica-se que as empresas líderes são grandes grupos monopolistas transnacionais, mostrando a subordinação da sojicultura da região à dinâmica verticalizada da cadeia global de valor da qual faz parte. Isso significa que, não obstante a liderança da região

Centro-Oeste no plantio do grão, na região, é baixa internalização dos principais elos de agregação de valor que compõem o sistema agroalimentar da soja, cuja composição e dinâmica são comandadas pelos capitais monopolistas transnacionais em vários elos da cadeia.

Os efeitos da posição subordinada da Região Produtiva do Agronegócio da soja em Mato Grosso na cadeia global de valor da soja em Mato Grosso se fazem sentir no mundo do trabalho, nos indicadores de concentração de renda e na qualidade de vida nas chamadas “cidades da soja”. Em SINOP, o rendimento médio mensal dos trabalhadores formais foi superior à média nacional em 2016, 2,4 salários mínimos, contra 1,78 da média nacional. Contudo, no mesmo ano, 30,1% da população teve rendimento nominal mensal per capita de até meio salário mínimo, o que revela que boa parte da população está fora do mercado de trabalho formal, e que há uma tendência concentradora de renda do modelo de desenvolvimento econômico com base na moderna agricultura mecanizada (IBGE municípios, 2017: não paginado).

O entrevistado 6, professor da Universidade Federal de Mato Grosso e membro do NERU (Núcleo de Estudos Rurais e Urbanos) dedicado aos estudos da fronteira amazônica, destacou que o potencial de retenção da renda gerada pelas atividades agrícolas por parte das cidades e do Estado de Mato Grosso é limitado justamente porque o setor agrícola, em especial a soja, transfere boa parte de sua renda para a indústria e para o capital financeiro através do modelo de agricultura estabelecido a partir da Revolução Verde e da internacionalização da agroindústria brasileira ocorrida entre os anos 1990 e 2000:

A maior parte da renda da agricultura não fica em Mato Grosso, vai pra tradings, pros bancos, pras sementeiras, pras indústrias químicas. Muito dessa renda na verdade nem fica no Brasil, porque a maior parte delas tem filiais em São Paulo, mas são estrangeiras e têm ações na bolsa. A agricultura de Mato Grosso hoje enriquece o capital financeiro, perto do que se ganha de dinheiro na bolsa com ações e termos de opção de soja, o que fica aqui é migalha. Se não fosse assim, Mato Grosso não estaria atrasando salários de servidores no trimestre que o PIB do Estado cresceu 100x mais que o do Brasil¹⁵ (informação verbal).

¹⁵ Entrevista concedida pelo entrevistado 6, professor e pesquisador da UFMT. Entrevista 9 (mar. 2018). Entrevistador: Herick Vazquez Soares, Cuiabá, 2018.

O TRABALHO NA CADEIA DA SOJA NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO: UM DEBATE SOBRE EMPREGO, RENDA E CONDIÇÕES DE TRABALHO NA AGRICULTURA CAPITALISTA CONTEMPORÂNEA

O atraso de salários dos servidores públicos estaduais mencionado pelo professor, que vem ocorrendo no estado de Mato Grosso entre 2015 e 2018, contrasta com o resultado do PIB (Produto Interno Bruto) estadual do terceiro trimestre de 2017. Nesse período, enquanto a economia brasileira apresentou crescimento de 0,1% o Produto Interno Bruto de Mato Grosso, puxado pelo agronegócio, cresceu 11%. No mesmo período, o governo do Estado de Mato Grosso, anunciou cortes de jornada e parcelamentos de salários no serviço público alegando dificuldades financeiras. (OLHAR DIRETO, 2018: não paginado). Vale destacar que as exportações de grão *in natura* não recolhem ICMS (Imposto sobre circulação de Mercadorias e Serviços) desde 1996, ano de promulgação da Lei Kandir, o que impacta negativamente as receitas de Mato Grosso, principal estado exportador de soja do país.

O entrevistado 5, pesquisador da EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) Agrossilvopastoril de SINOP, manifestou opinião parecida. Segundo ele, o Mato Grosso constitui-se um espaço em que se gera muito valor através da agropecuária, mas que se apropria de parte pequena desse valor. Segundo ele, além de pequena, essa apropriação se dá de forma concentrada nas mãos de fazendeiros e empresários. Isso acontece porque a capacidade de geração de empregos da principal atividade, o agronegócio, é baixa, o que pressiona os salários dos demais setores para baixo, uma vez que o centro dinâmico da economia da região não absorve mão de obra no mesmo ritmo que cresce, mantendo assim uma disponibilidade de mão de obra relativamente estável e contínua para os demais setores (INFORMAÇÃO VERBAL, 2018: não paginado)

JORNADAS EXAUSTIVAS, EXPOSIÇÃO A VENENOS E ACORDOS COLETIVOS REBAIXADOS: A REALIDADE DO TRABALHO NA SOJICULTORA

A elevada tecnologia e o conforto do interior das máquinas colheitadeiras e plantadeiras contrasta com as extensas jornadas de trabalho nas plantações de soja. Durante a visita à fazenda 3, o entrevistado 7, operador de plantadeiras e colheitadeiras que estava contratado em regime temporário durante um mês para a colheita da soja e plantio de milho na propriedade declarou que entrava na máquina por volta das 7 horas da manhã e nela

permanecia até às 20 horas, com um intervalo de uma de almoço do qual não estava usufruindo todos os dias em virtude do atraso na colheita ocasionado pelas chuvas que haviam atingido a região na semana anterior. Quando questionado sobre onde almoçava, jantava e utilizava o sanitário quando não usufruía seu intervalo para descanso/alimentação, ele mostrou os talheres que estavam ao seu lado apoiados na máquina e declarou:

Comida eles trazem aqui mesmo, *tô* até com os talheres aqui. Banheiro quando dá vontade a gente para a máquina e vai aqui mesmo (apontando para a plantação), não tem ninguém aqui mesmo. Não dá pra parar o serviço justo nessa época¹⁶ (informação verbal).

O desrespeito à jornada de trabalho, em especial na época das colheitas e das safras é tida como natural entre trabalhadores e produtores. O entrevistado 3, médio produtor de Sorriso, declarou que a legislação brasileira é extremamente engessada no que diz respeito aos intervalos para repouse/alimentação e comemorou o fato de a Reforma Trabalhista ter endurecido as regras para o ingresso de ações trabalhistas, já que segundo ele, a Justiça Trabalhista é uma “indústria de reclamações”, principalmente no que diz respeito à jornada de trabalho (INFORMAÇÃO VERBAL, 2018: não paginado).

Sobre esse tema, o entrevistado 8, advogado trabalhista de Sinop disse que, de fato, o desrespeito à jornada de trabalho é o principal tema de disputa entre patrões e empregados rurais, mas não é o único. É bem comum que seja feito um acerto entre trabalhadores e empregados, principalmente os temporários, segundo o qual parte da remuneração é paga com sacas de soja pagas após a colheita. Esse acordo, cujo intuito é estimular a produtividade, quase sempre leva a desacordos entre patrão e empregado, pois os erros de cálculo na remuneração do trabalhador, ou ainda a escolha das sacas com pior teor de umidade e, logo de menor preço, para o pagamento são comuns, segundo o advogado entrevistado. O entrevistado também expressou preocupação a respeito das novas leis trabalhistas em vigor desde novembro de 2017. Segundo ele, as convenções coletivas dos trabalhadores rurais de Mato Grosso são praticamente espelhos da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), dada a falta de organização política e sindical dos trabalhadores rurais no estado, de forma que, ao estimular a livre negociação sobre diversos temas

¹⁶ Entrevista concedida pelo entrevistado 7, operador de plantadeira. Entrevista 7 (fev. 2018). Entrevistador: Herick Vazquez Soares, SINOP, 2018

O TRABALHO NA CADEIA DA SOJA NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO: UM DEBATE SOBRE EMPREGO, RENDA E CONDIÇÕES DE TRABALHO NA AGRICULTURA CAPITALISTA CONTEMPORÂNEA

importantes e retirar do texto da lei itens importantes pra o trabalhador rural, como a obrigatoriedade de homologação das demissões nos sindicatos e a contagem do tempo de deslocamento para locais de trabalho de difícil acesso como parte da jornada, a nova lei abre espaço para um rebaixamento dos direitos da categoria (INFORMAÇÃO VERBAL, 2018: não paginado).

Compartilhou dessa mesma opinião, o entrevistado 4, membro eleito da diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Sinop. Segundo o diretor, a nova lei trabalhista enfraquece os sindicatos de categorias pouco organizadas politicamente como a dos trabalhadores rurais de Sinop tanto pela questão do fim da obrigatoriedade das homologações das demissões pelo sindicato, já que é uma constante os produtores “errarem” nas contas do que devem pagar nas demissões, como pelo fim do Imposto Sindical, única receita do sindicato de Sinop, tendo em vista que o índice de sindicalização entre os assalariados ser próximo de zero. Nesse contexto, não ficam comprometidos somente o espaço para a luta por qualquer melhoria nos acordos entre patrões e empregados e nos benefícios da categoria, mas também o próprio funcionamento do sindicato, que conta hoje somente com uma funcionária e apenas dois diretores com dedicação exclusiva às atividades sindicais (INFORMAÇÃO VERBAL, 2018: não paginado).

Quando questionado sobre quais são os principais problemas dos trabalhadores assalariados rurais da soja, o entrevistado apontou que os mais graves são: a questão dos agrotóxicos, o desrespeito à jornada de trabalho, a remuneração variável e a falta de qualificação profissional e de conscientização dos trabalhadores em relação ao uso de equipamentos de segurança no trabalho, em especial aqueles relacionados ao manuseio de agrotóxicos. Segundo o dirigente, a questão dos agrotóxicos é tema central na saúde e segurança e saúde dos trabalhadores da soja, uma vez que os agrotóxicos são aplicados em larga escala e, na maioria das fazendas da região, por avião, o que facilita a dispersão pelo ar:

O agrotóxico vai matando a pessoa sem fazer barulho, aos pouquinhos ao longo tempo. Não dá pra saber exatamente quando e em qual emprego foi, e os efeitos são a longo prazo. A falta de consciência dos trabalhadores piora o problema. A maioria das fazendas oferecem o equipamento, mas na pressa, as pessoas não usam porque não têm informação dos efeitos da

exposição no longo prazo. Não que o uso do equipamento garanta alguma coisa, porque o negócio é pesado, é veneno de todos os tipos o ano inteiro, é mata mato, inoculante, um monte de coisa. O certo mesmo era mudar a forma de cuidar da lavoura¹⁷ (informação verbal).

A importância do combate às pragas é tamanha que, um dos poucos funcionários fixos das propriedades visitadas é o “veneneiro”, responsável pela preparação e aplicação dos venenos que combatem as pragas. Esse funcionário é o que está mais sujeito a riscos de contaminação na fazenda, pois é ele quem mistura os agrotóxicos com água, faz o chamado “caldo” e, juntamente com os operadores de máquinas, faz a aplicação com tratores. Ainda que o veneno seja aplicado por avioneta e tratores, esse funcionário é que é responsável pela preparação da mistura. Acrescenta-se ao risco de manuseio o risco de exposição permanente ao veneno, já que, juntamente com o caseiro, o veneneiro é o funcionário que, normalmente, mora na fazenda, tendo em vista que seu trabalho não se restringe ao plantio ou à safra, uma vez que a adição de implementos ocorre desde o plantio e durante todo o crescimento da soja e do milho, se for o caso.

Segundo Bombardi (2017: 70), Mato Grosso foi a UF (Unidade da Federação) que mais consumiu agrotóxicos no Brasil entre 2012 e 2014: 191.439 toneladas, 21,7% do consumo nacional. Na região Centro-Oeste, foram 334.628 toneladas, 38% do consumo nacional. O alto consumo de agrotóxicos nesses estados tem correlação com sua elevada produção de soja, cultura que mais utiliza agrotóxicos na atualidade. Esse consumo não só tem impactos deletérios na saúde humana dos consumidores dos produtos agrícolas e dos trabalhadores do setor, mas também sobre os lençóis freáticos, sobre a fauna e sobre a flora do Cerrado e da Amazônia.

O tema da remuneração variável (pagamento em dinheiro mais sacas de soja) também tem ocupado lugar central na pauta do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Sinop. Segundo o dirigente, em Sinop, a categoria está sem convecção coletiva há 4 anos em razão de não haver acordo entre o sindicato rural e o sindicato dos trabalhadores a respeito do tema. Diferentemente do Sindicato dos trabalhadores rurais de Sorriso e outros representados pela FETAGRI (Federação dos trabalhadores da agricultura de Mato

¹⁷ Entrevista concedida pelo entrevistado 4, membro da diretoria do sindicato dos Trabalhadores Rurais de Sinop. Entrevista 4 (fev. 2018). Entrevistador: Herick Vazquez Soares, SINOP, 2018.

Grosso), a diretoria do Sindicato de Sinop se recursou a assinar um acordo através do qual a base de recolhimento de FGTS (Fundo de Garantia por Tempo de Serviço) e alíquotas previdenciárias dos trabalhadores rurais seja somente o valor pago em dinheiro, sem que sejam computadas as sacas pagas a título de remuneração variável. Na falta de acordo entre representantes dos fazendeiros e dos trabalhadores, o piso salarial da categoria segue no valor de R\$ 1243,00 desde 2014, data do último acordo¹⁸.

CONCLUSÕES

A expansão da soja pelo Centro-Oeste brasileiro engendrou localmente uma dinâmica espacial, social e econômica não autônoma, na qual os capitais monopolistas agroindustriais têm influência decisiva no ritmo, e intensidade da atividade por comandarem os recursos chave na cadeia global de valor da soja. Esses capitais têm também papel decisivo na construção e planejamento de obras de infraestrutura, na circulação e na produção do espaço, com uma ação que envolve concentração e centralização de poder que se imprimem no espaço gerando reflexos que se expressam na organização do território, na economia e, conseqüentemente, no mercado de trabalho.

A análise quantitativa e qualitativa do mercado trabalho na RPA (Região Produtiva do Agronegócio) da soja no Centro-Oeste brasileiro mostra que o dinamismo e a grande riqueza gerada pela soja não são capazes de criar condições para que, nessa região, sejam internalizados elos da cadeia global de valor da soja capazes de gerar uma maior apropriação da renda e de conectar a região e o país a novas correntes de acumulação de capital, como a biotecnologia, o desenvolvimento de softwares ou até mesmo processos industriais a jusante e a montante da sojicultura. Marcada pelo controle oligopolista do espaço, que se materializa através concentração fundiária rural e urbana e do controle corporativo das rotas logísticas, a economia do agronegócio da soja gera riqueza, porém poucos empregos e baixa internalização de processos industriais mais complexos e de novos nichos de acumulação de capital, limitando as potencialidades de desenvolvimento

¹⁸ Informação de fevereiro de 2018, data da pesquisa que motivou este artigo.

socioeconômico de uma região cuja economia cresce de forma acelerada, porém dependente e desigual.

Os dados e a realidade do mercado de trabalho na cadeia da soja mato-grossense revelam que o processo de ordenação do território para a produção agroexportadora de um produto primário é de benefícios duvidosos para a região e para a maior parte de sua população. Na prática, não se assiste somente à crescente subordinação da renda gerada pelos fatores envolvidos na atividade, como terra e trabalho aos capitais agroindustriais monopolistas, em sua maior parte transnacionais, mas também uma crescente pressão pelo aumento da produtividade desses fatores alimentada pelo próprio sucesso do modelo. A parte dos excedentes gerados que fica na localidade sob a forma de lucro obtido no plantio e venda da soja permanece sob controle concentrado da burguesia rural, uma vez que os dispêndios para remuneração do trabalho são baixos e com tendência de queda em razão da crescente mecanização das lavouras.

Em nome de superávits comerciais e de um rápido crescimento econômico, o Estado brasileiro e as principais lideranças políticas do país apoiam e dão suporte a um modelo concentrador de renda e gerador de poucos empregos, que alimenta uma tendência de superexploração do trabalho e também dos recursos naturais. A expansão rápida e extensiva da soja e da pecuária sobre os biomas dos Cerrados e da Amazônia vincula estes espaços a lógica territorial das grandes empresas e hipoteca os futuros desses biomas e das pessoas que neles vivem. Em nome da geração de excedentes para os capitalistas controladores do agronegócio da soja, as populações locais veem inviabilizada uma possibilidade de uma exploração econômica sustentável dos recursos naturais. São tolhidas potencialidades regionais capazes de internalizar no Brasil segmentos de ponta de pesquisa científica e biomedicina, e de gerar empregos e possibilidades de carreiras melhor remuneradas e qualificadas. Assiste-se ao avanço de um modelo de desenvolvimento de perfil concentrador, no qual os ganhos de produtividade viram renda da terra e do capital enquanto o trabalho e o trabalhador são desvalorizados e os custos sociais e ambientais são arcados pelo conjunto da sociedade.

O TRABALHO NA CADEIA DA SOJA NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO: UM DEBATE SOBRE EMPREGO, RENDA E CONDIÇÕES DE TRABALHO NA AGRICULTURA CAPITALISTA CONTEMPORÂNEA

Referências Bibliográficas

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE ÓLEOS VEGETAIS (ABIOVE). Fonte de dados sobre exportação, oferta, demanda e receitas do complexo soja. Disponível em: <www.abiove.com.br> Acesso em: 13 out. 2016.

BOMBARDI, L. M. *Geografia do Uso de Agrotóxicos no Brasil e Conexões com a União Europeia*. São Paulo: FFLCH - USP, 2017. 296 p.

CAMARGO, Kelly C. M. Considerações sobre a expansão da soja e a dinâmica sociodemográfica nas microrregiões do Mato Grosso. In: XX ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 2010, 2010. Disponível em: <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/2867/2738>.

CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. In: CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CHESNAIS, F. *A mundialização do capital*. Editora Xamã, São Paulo, 1996.

DICKEN, P. *Mudança global – mapeando as novas fronteiras da economia mundial*. Porto Alegre: Bookman, 2010.

ELIAS, Denise. *Globalização e Agricultura: A Região de Ribeirão Preto*. São Paulo: Edusp, 2003.

_____. Reestruturação produtiva da agropecuária e novas regionalizações no Brasil. In: ALVES, Vicente Eudes Lemos Alves (org.). *Modernização e regionalização nos cerrados do Centro-Norte do Brasil: Oeste da Bahia, Sul do Maranhão e do Piauí e Leste do Tocantins*. Ed. 1. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015. 360 p.

FAROOKI, M.; KAPLINSKY R. *The Impact of China on Global Commodity Prices*. New York: Routledge, 2012.

FAVERET, P. S. R.; PAULA, S. R. Panorama do complexo soja. *BNDES Setorial*, Rio de Janeiro, n. 8, p. 119-152, set. 1998.

IMEA (INSTITUTO MATOGROSSENSE DE ECONOMIA AGROPECUÁRIA). *Entendendo o Mercado da Soja*. Workshop Jornalismo Agropecuário. 2015. Disponível em: http://www.imea.com.br/upload/pdf/arquivos/2015_06_13_Paper_jornalistas_boletins_Soja_Versao_Final_AO.pdf Acesso em: 09 jul. 2017.

_____. *Pesquisa sobre mecanização agrícola em Mato Grosso*. 2015b. Disponível em: <http://www.imea.com.br/imea-site/view/uploads/estudos-customizados/ApresentacaoMecanizacaoAgricola-2015.pdf>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censos Agropecuários, 1970, 1975, 1980, 1985, 1990, 1996, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Agropecuário da Agricultura Familiar, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) CIDADES. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br>. Acesso em 29/03/2018.

MEDEIROS, C. A. A China como um Duplo Pólo na Economia Mundial e a Recentralização da Economia Asiática. *Revista de Economia Política*, v. 26, n. 3 (103). p. 381-400, jul./set., 2006.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA (MAPA). *Fonte de dados acerca do Valor Bruto de Produção da Soja*. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/vegetal/culturas/soja>. Acesso em: 17 out. 2016.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA (MAPA). Galeria de Ministros. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/ministerio/historia/galeria-de-ministros>. Acesso em: 26 jan. 2017.

OLHAR DIRETO: Notícias de MT. Disponível em: www.olhardireto.com.br. Acesso em: 29/03/2018.

OLIVEIRA, A. U. *A Mundialização da Agricultura Brasileira*. São Paulo: Iandé Editorial, 2016.

RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS - RAIS. Disponível em: <http://www.rais.gov.br/negativa.asp>. Acesso em: 22 out. 2016.

SANTOS, Milton. *Economia Espacial: críticas e alternativas*. São Paulo: Editoria Hucitec, 1979.

_____. *A Natureza do Espaço*. São Paulo: Edusp, 2006.

Recebido em: 07 de setembro de 2018

Aceito em: 09 de fevereiro de 2019